

ESCREVER É SEMPRE INCERTO¹

IRÈNE FENOGLIO

INSTITUT DES TEXTES ET MANUSCRITS MODERNES
ITEM/CNRS

Poética da incerteza”, título da mesa-redonda, que traduzirei aqui como “poética da escritura e ainda, mais precisamente, como “poética da escritura em ato” porque tomarei o termo poética, aqui, como um substantivo que denomina uma disciplina e não como qualificativo epônimo.

A incerteza, ou seja a indeterminação, a negação antecipa a definição, anima a escritura de forma perversa. Seu lugar é ambíguo: escrevemos para dizer alguma coisa. Esse “alguma coisa” só pode ser dito em um ato de enunciação que tende a produzir um *enunciado*. Mas esse enunciado só pode concretizar-se pela dimensão do insabido. O “alguma coisa” a dizer modifica-se na medida em que é “definido”, ou seja enunciado, e que a escritura, durante sua produção, ao mesmo tempo fixa-o e modifica-o, ininterruptamente, de forma infalível.

1. Esta comunicação fez parte da mesa redonda “Poética da incerteza”.

Vejamos primeiramente o famoso “princípio da incerteza” herdado da física e que podemos aproveitar de forma pertinente em ciências humanas e mais particularmente nas ciências do texto. Em outras palavras, teríamos necessidade do princípio de incerteza de Heisenberg – tão fascinante no momento em que foi enunciado – para fundar o olhar que dirigimos aos textos e seus manuscritos? Esse princípio destaca a interação entre o instrumento de medida e o objeto medido, interação que, por si só, modifica as características deste último. Por exemplo, a medida precisa de um elétron desencadeia uma perturbação imprevisível no valor de sua velocidade. Esse princípio nos diz então que a objetividade, todavia necessária enquanto princípio, é impossível e o princípio de incerteza é o princípio da indeterminação: a determinação perfeita do objeto é impossível já que todo olhar do observador modifica seu comportamento “objetivo”. O que denominamos “objetividade” é, finalmente, apenas objetivação, construção de um objeto.

Que faz o geneticista? Ele modifica seu objeto de pesquisa? Não. O geneticista do texto está diante de traços que, depois de apresentados, não se movimentam mais. O único espaço no qual age um princípio de incerteza é o que se instaura entre o olhar do pesquisador e o traço sobre o manuscrito. Entre o olhar e o traço? Talvez *nesse* olhar. Esse olhar é móvel, é mais ou menos incerto: introduz *incerteza viva* nos traços que, *inscritos*, estão *mortos* até que sejam reanimados.

A relação entre o observador munido de seu instrumento e o objeto é então invertida. Em física, o tempo de parada da observação capta o vivo do objeto observado e então modifica-o. Em genética textual, o observador vem animar com sua própria vida – então subjetiva, por mais cientificista que seja – os traços que ficariam, de outra forma, inanimados.

No que concerne à poética, partirei de uma abordagem tradicional do termo. Todorov lembra-nos, efetivamente, que

a primeira definição da poética é a que se transmite pela tradição desde Aristóteles e que designa “toda teoria interna da literatura”. A palavra “interna” interessa-nos. A poética seria uma tentativa de abordagem do ato de escritura a partir de dentro. Nessa perspectiva, toda poética só pode ser uma poética da incerteza, uma incerteza em dois níveis:

- incerteza do escritor no momento em que escreve, que deixa, de uma forma ou de outra, os traços de seus gestos e movimentos mentais hesitantes. Aí também Todorov conforta-nos ao afirmar que o termo “poética” “aplica-se à escolha feita por um autor dentre todos os possíveis (na ordem temática, da composição, do estilo, etc.)” Dentre todos os possíveis, ideativos e de língua, o escritor pára, escolhe, retoma, hesita, arrepende-se e rasura, etc.

- incerteza do observador crítico, que não sabe como atravessar o segredo de tal ato de escrever para um certo escritor e, quem sabe, não conseguirá jamais desvendar tal segredo. Incerteza, então, em seu caso, para atravessar o dossiê dos traços repertoriados.

Se o objetivo da poética é o de elaborar instrumentos que permitam analisar a forma como se *estruturam* as obras, das quais são procedimentos, poderíamos dizer impondo um sentido passivo a esse verbo, que uma “poética da incerteza” será escrupulosamente servida pela genética textual e suas ferramentas de observação e de análise, *a fortiori* uma genética que, alimentada de lingüística, poderá se dirigir em direção de outros movimentos de hesitação quanto às escolhas enunciativas (dependendo das estruturações lingüísticas) operadas pelo autor.

Um “dossiê genético” constrói-se a partir dos movimentos dessa dupla incerteza.

INCERTEZA QUANTO AO GESTO PSÍQUICO DA
ESCRITURA

Um manuscrito, um fólio, um fragmento mostram esse gesto de formas bem variadas. É nesse nível de detalhe que mostrarei algo do gesto.

Tentarei desvelar, nessas marcas enunciativas e gráficas, o movimento incerto que procede ao próprio gesto de escritura. A escritura manuscrita oferece uma tangibilidade à hesitação intrínseca a todo exercício da palavra.

Um texto final – ou seja terminado e publicável ou publicado – não é o produto de uma intenção contínua e homogênea. É o resultado de diversas hesitações, retomadas, reformulações... Tudo permanece *incerto* até que um autor – ou um editor – decida pôr um ponto final às diferentes tentativas de ajustes textuais operados pelo viés de uma dialética contínua entre a leitura, a releitura e a escritura.

Tentarei, assim, confrontar as noções de “acabamento” e “inacabamento” na produção de um texto, confrontação que constitui em si mesma a própria idéia de incerteza.

EXEMPLO: *COMBAT DE ANDRÉE CHEDID*

Trata-se de um poema ainda inédito cujos manuscritos me foram confiados por Andrée Chedid.² Curto e de grande simplicidade, é ainda mais demonstrativo.

Primeira campanha: escritura e correções em caneta hidrográfica preta de ponta grossa.

2. Poeta egípcia, radicada na França.

COMBAT

—
 Je vis ce décalage de ce combat
 Entre le corps
 Le temps l'âge
 Et l'esprit qui les animait

#

~~Renonçant aux~~ désertant sous premières alliances
 Dénonçant l'ancien partage
 Contestant ~~l'illusoire abri les abris illusoires~~ <ses
 refuges illusoires>
 Loin du corps ruiné
 Et des glissements de l'âge
 (L'esprit) <lutte et résiste> ~~se dresse encore~~
 <Sur> ~~A~~ l'autre versant du temps.

*Segunda campanha: correções em caneta hidrográfica preta
 de ponta mais fina.*

COMBAT

—
 Je (vis (ce décalage) ~~de~~ mène ce combat
 Entre le corps
 Le temps l'âge
 Et l'esprit qui (les) anim(ait)e

#

Désertant sous premières leurs jeunes alliances
 Dénonçant l'ancien partage
 Contestant ses refuges illusoires
 Loin du corps ruiné
 Et des glissements de l'âge
 <je>(L'esprit) lutte et résiste
 Sur ~~A~~ <Sur> l'autre versant du temps.

Terceira campanha: confirmações das correções precedentes em canetas hidrográficas vermelha, de ponta grossa, cor-de-rosa e violeta, de ponta fina.

Quarta campanha: confirmações parciais das mesmas correções em caneta hidrográfica verde e turquesa.

Quinta campanha: confirmação com acréscimo de números dos versos em caneta hidrográfica amarela.

Notemos a hesitação entre “A” e “Sur” no último verso, a própria hesitação repete-se. Isso poderia parecer contudo bastante banal. De fato, a hesitação entre essas duas preposições denota uma hesitação profunda. O gesto de escritura segue-se ao traço, à postura psíquica: o poeta estaria diante da vertente do tempo, resistiria, opondo-se frontalmente em um face a face, ou estaria dentro dessa vertente vertiginosa na qual infalivelmente preso tenta ainda resistir. O *desejo* de estar ainda na boa vertente da vida desencadeia o real da idade.

Esta hesitação poderia continuar e continuar a deixar seus traços. Somente a digitação no computador ou a entrega ao editor poderá pará-la – ou seja “terminar”, a escritura.

Sexta campanha: digitação com modificações e última hesitação.

COMBAT

—
 Je mène ce combat
 Entre le corps
 Le temps l'âge
 Et l'esprit qui les animaite

Désertant nos jeunes alliances
Dénonçant l'ancien partage
Contestant ses refuges illusoires
Loin du corps ruiné
Et des glissements de l'âge
Je lutte et résiste
Sur l'autre versant du temps.

Notemos o uso que Andrée Chedid faz das cores em seus rascunhos: as cores traçam diferentes campanhas de releitura, mais do que de reescritura. Uma correção aparece às vezes, mas as cores confirmam em geral as correções precedentes e, ao mesmo tempo, marcam – é o caso de apontar – uma campanha de releitura.

A INCERTEZA COMO IM-PERFEIÇÃO:
UMA MANIFESTAÇÃO DA “FALTA” NECESSÁRIA

A incerteza testemunha uma *falta* no sentido psicanalítico do termo. Que é a falta? O real, considerado em si mesmo, é o “pleno”. O *vazio* contribui à constituição de sua plenitude. A *falta* só advém na medida em que o significante designa um “lugar vazio” como falta de algo naquele lugar, ou seja um símbolo para evocar essa ausência. No âmbito da escritura em produção (ponto de vista do escritor), a falta é a tomada de ar que faz com que a escritura, ainda não concluída, encontre ao mesmo tempo um espaço “vazio” que pode saturar, e porque não “plenificar”. No âmbito do rascunho (ponto de vista do pesquisador), a falta permanece falta a ser interpretada, segredo do ato de escritura, ponto de impacto necessário entre um traço de vazio materializado (palavra ausente, sobrescrito ou signos ilegíveis, etc.) e o desejo aguçado do geneticista, que tenta suprir esse vazio com um preenchimento de leitura ou de interpretação.

Se o pleno reina, não pode haver hesitação ou in-certeza: nenhum movimento, nenhum jogo possível. Sem o jogo dos possíveis, nenhuma escritura possível.

Somente o *pleno* é certeza: fechamento, fixação, bloqueio, trancamento.

Somente a *Escritura*, texto sagrado, fechado, que só pode ser repetido, a Escritura Santa,³ qualquer que seja a religião que institua, escritura de um dogma é “certa” e proíbe-se todo acesso ao incerto processo de escritura em ato. A Escritura santa é “determinada” e determina, de uma vez por todas, o sentido das coisas e da vida daquele que a lê.

Para ilustrar este propósito, poderia mostrar vários trechos duplos extraídos de dois textos autobiográficos de Althusser. Veríamos, cada vez, dois textos diferentes relativos a um mesmo acontecimento da narrativa. Em *Les Faits*, encontramos, geralmente, frases sintéticas, fechadas, sem correções: a ausência de hesitação não dá margens a nenhum tipo de implícito, o preenchimento total do texto exclui qualquer possibilidade incerta, previne qualquer desenvolvimento. Em *L'avenir dure longtemps*,⁴ a profusão de arrependimentos, os traços de hesitação, a ausência de perfeição abrem o texto, o texto final é enriquecido por esse trabalho, sua leitura ganha densidade.

O trabalho genético desenvolvido acerca desses dois textos permite mostrar a hesitação; a incerteza diante do que será escrito confere densidade ao texto produzido. Quanto mais incerto é o ato de escritura, mais a leitura ganha potencialidade e adensamento interpretativos.

Apresentarei, aqui, o título para cada um dos dois textos.

3. Aqui a autora faz um jogo de palavras, de caráter homofônico em francês: *Écriture Sainte* (=ceinte?), no qual o segundo termo refere-se a delimitado, fechado, murado.

4. *O futuro dura muito tempo*, São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

Efetuei uma transcrição das etapas cronológicas do manuscrito do título de *L'avenir dure longtemps*. O que podemos constatar com segurança é que tudo o que foi escrito, efetivamente, data de um só período, pois foi escrito com a mesma caneta. Podemos também constatar que as duas rasuras foram efetuadas ao mesmo tempo: a mesma caneta hidrográfica azul de ponta grossa. Para a detalhada continuação farei suposições.

Primeira etapa discernível: etapa múltipla.

histoire d'un meurtrier

(histoire d'un meurtrier)

brève (histoire d'un meurtrier)

(brève(histoire d'un meurtrier))

Segunda etapa discernível:

D'une nuit l'Aube

[D'une nuit l'Aube]
 [_____]

Terceira etapa discernível:

L'avenir dure longtemps

Quarta etapa discernível:

L'avenir dure longtemps

(brève(histoire d'un meurtrier))

[D'une nuit l'Aube]
 [_____]

Quinta etapa discernível e segunda campanha: escolha final por rasura.

L'avenir dure longtemps

(brève(histoire d'un meurtrier))

[~~D'une nuit l'Aube~~]
 [_____]

Quando o escritor escreve, sua incerteza constitui a vida do seu gesto, sua incerteza está viva, essa vida deixa traços que se imobilizam sobre o fólio. O geneticista, através de seu próprio esforço incerto de deciframento, reanimará esses traços já revoltos para o *escrevente*.⁵ uma transmissão da vida da escritura que se transforma em leitura-escritura ao mesmo tempo, um monstro indeterminado que por sua vez alimentará

5. A autora entende por *escrevente* o sujeito psíquico em ato, implicado no processo de escritura.

e “informará” a leitura-interpretação, sábia até então, do texto publicado correspondente. Em outras palavras: quando o escritor escreve, está na incerteza viva, cujos traços ficam no manuscrito. Quando o geneticista observa esses traços, está diante de sua própria incerteza interpretativa viva, diante dos traços de uma incerteza que já aconteceu.

“Escrever deseja, ler goza” escreveu Pascal Quignard. Somente a incerteza e a falta – incerteza quanto ao resultado e falta a dizer – alimentam o desejo de escrever; somente eles permitem o risco de uma confrontação com o desconhecido ou o que ainda não adveio.

Tradução de Verónica Galíndez Jorge
(Universidade de São Paulo)